



O desenvolvimento de novos produtos deve prever abordagem metodológica compatível com aquilo que se pretende produzir. Produtos desenvolvidos de maneira artesanal tendem a não atenderem tais métodos, configurando-se uma produção local, individual, que não considera métodos de fabricação seriada e nem se aplicam regras corporativas estabelecidas.

Diante disso, o desenvolvimento do protótipo de luminária, descrito neste artigo, teve seu método avaliado por critérios que consideram principalmente o tipo de produção artesanal, a qual faz parte do projeto de extensão que o inclui.

Ao visar o projeto de extensão, em seu cronograma que engloba todas as etapas, a fase considerada ponto de partida foi concretizada e sua execução foi avaliada. Diante da avaliação, considera-se que o método adotado atende parcialmente a demanda.

Por outro lado, considera-se um desafio a adoção do método, mesmo com possíveis alterações, quando da execução das ações de capacitação junto à associação dos artesãos.

Referências

- KAMINSKI, C. P. **Desenvolvendo produtos com planejamento, criatividade e qualidade**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- OLIVEIRA, A. A. A. e SAKURAI, T. Fabricação digital e DIY: Pesquisa de soluções para a criação de um mobiliário nômade. **XXI Congresso de la Sociedad Ibero-americana de Gráfica Digital**. Chile, p. 22 – 24, 2017.
- ROIZENBRUCH, T. A. Design híbrido: caminhos, processos e transformações. In: **Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, Blucher Design Proceedings**, v. 1, n. 4. São Paulo: Blucher, 2014. p. 550-557. ISSN: 2318-6968, DOI 10.5151/designpro-ped-01183.
- SILVA, A. S. Análise da sustentabilidade social e cultural do artesanato feito com a tecnologia computacional e digital. **DESIGN & TECNOLOGIA**, 2021. ISSN: 2178-1974, Vol. 11, No. 23 DOI 10.23972/det2021iss23pp106-115.

Do Design Social ao Design para Inovação social: uma revisão sistemática de literatura.

From Social Design to Design for Social Innovation: a systematic literature review

Nicholas dos Santos Faria Corrêa, Mestrando em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

nicholas.correa@pep.ufrj.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo geral mapear os conceitos e autores mobilizados em trabalhos acadêmicos onde os termos Design Social e/ou Design para a Inovação Social são empregados com destaque, construindo assim um entendimento de quais são os cânones da disciplina, suas contribuições teóricas e onde são aplicados. A metodologia de pesquisa adotada é a Revisão Sistemática de Literatura, utilizando o *software* Parsifal para gerenciamento de etapas da pesquisa e tendo como escopo trabalhos acadêmicos de língua portuguesa melhor ranqueados na plataforma Google Scholar. Os resultados apontam um grupo definido de autores recorrentemente mobilizados, formando um referencial teórico obrigatório para a disciplina, além de identificar características do campo na produção acadêmica e padrões de aplicação prática.

Palavras-chave: Design Social; Design para a Inovação Social; Revisão sistemática de literatura

Abstract

The present study aims to map the concepts and authors mobilized in academic works where the terms Social Design and/or Design for Social Innovation are prominently employed, thus constructing an understanding of which are the discipline's canons, theoretical contributions, and where they are applied. The research methodology adopted is the Systematic Literature Review, using the Parsifal software for managing research stages and having as its scope academic works in Portuguese that are better ranked on the Google Scholar platform. The results point to a defined group of authors who are recurrently mobilized, forming a mandatory theoretical framework for the discipline, in addition to identifying characteristics of the field in academic production and patterns of practical application.

Keywords: Social Design; Design for Social Innovation; Systematic Literature Review

1. Introdução

O entendimento da trajetória disciplinar é fundamental para compreensão da construção teórica e identificação dos autores referência para o campo, bem como o mapeamento dos conceitos basilares para as temáticas com as quais se deseja trabalhar. Com o Design não é diferente e revisões sistemáticas de literatura são de grande importância neste processo.

Revisões sistemáticas de literatura proporcionam um olhar qualificado sobre as contribuições desenvolvidas pela comunidade científica por serem “uma modalidade de pesquisa, que segue protocolos específicos, e que busca entender e dar alguma logicidade a um grande corpus documental, especialmente, o que funciona e o que não funciona num dado contexto.” (GALVÃO; RICARTE, 2020)

Este artigo analisa os conceitos de Design Social e Design para a Inovação Social, tendo como objetivo geral mapear as principais definições e autores mobilizados, em quais contextos são aplicados e possíveis lacunas teóricas.

2. Procedimentos Metodológicos

O presente trabalho é uma investigação teórica, e do ponto de vista de seus objetivos é uma pesquisa exploratória, proporcionando maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito (GERHARDT, 2009). Quanto ao procedimento, optamos por uma revisão sistemática de literatura, procedimento que atende os objetivos apresentados anteriormente. A revisão sistemática aqui empregada será mista de convergência qualitativa, na qual:

transforma os resultados dos estudos qualitativos, estudos quantitativos e de estudos empregando métodos mistos em achados qualitativos (por exemplo, em temas). Esse tipo de revisão é aplicável quando os estudos analisados possuem amostras pequenas e estão voltados para desenvolver, refinar e revisar um quadro conceitual, por exemplo. (GALVÃO; RICARTE, 2020)

Após a definição do objetivo geral e objetivos específicos, cumpriu-se os métodos para a elaboração de revisões sistemáticas de literatura, sequenciados nas seguintes fases: Fase de Planejamento; Fase de Seleção; e Fase de Avaliação.

2.1 Fase de Planejamento

Na fase de planejamento executamos as atividades de: (1) definição do *PICO* - abreviação em inglês para População, Intervenção, Comparação e Desfecho; (2) elaboração das perguntas de pesquisa; (3) construção da *search string*; (4) elaboração dos critérios de inclusão e exclusão; e (5) definição do escopo. Nesta fase utilizamos o *software* Parsifal, definido como uma ferramenta online de suporte a pesquisas de revisão sistemática de literatura no contexto de engenharia de *software*. Entretanto, a plataforma não imprime nenhuma restrição a revisões de outras disciplinas, possibilitando o controle na gestão das etapas da pesquisa e qualificando revisões em outros contextos.

Em síntese, partimos da seguinte questão: Em artigos de língua portuguesa, publicados em revistas científicas ou apresentados em congressos (*population*), quais autores e definições são mobilizados (*intervention*) no debate sobre Design Social e sobre Design para Inovação Social (*comparison*) e quais as aplicações práticas dos mesmos (*outcome*) ?

A partir da questão inicial, buscamos segmentar e focalizar em cada elemento para construção das perguntas de pesquisa, definindo 6 perguntas que são respondidas nas seções seguintes. São elas:

1. Existem diferenças claras e rígidas entre "Design Social" e "Design para a Inovação Social"?
2. Quais as diferenças conceituais entre "Design Social" e "Design para a Inovação Social"?
3. Quais os autores mobilizados em relação ao conceito de "Design Social"?
4. Quais os autores mobilizados em relação ao conceito de "Design para a Inovação Social"?
5. Em quais campos (educacional, ambiental, empresarial...) o conceito de "Design Social" se desenvolve em prática?
6. Em quais campos (educacional, ambiental, empresarial...) o conceito de "Design para a Inovação Social" se desenvolve em prática?

As buscas foram realizadas através da plataforma Google Scholar, não sendo necessário a utilização da *search string*. Os critérios de inclusão de artigo no *corpus* investigado foram: Ano de publicação posterior a 2008; Apresenta ao menos um dos conceitos pesquisados no título; Disponível Gratuitamente; e Trabalha com ao menos um dos conceitos pesquisados.

Os critérios de exclusão foram: Ano de publicação anterior a 2009; Ano de publicação posterior a 2019; Indisponível gratuitamente; Não apresenta nenhum dos conceitos pesquisados no título; Não está no formato de artigo; Não trabalha com nenhum dos conceitos pesquisados; Trabalhos duplicados

O escopo da pesquisa restringiu-se a artigos em língua portuguesa que apresentassem no título os conceitos de Design Social e/ou Design para a Inovação Social. Optamos por selecionar artigos publicados de 2009 a 2019, objetivando entender a influência desses 10 anos de difusão da Rede DESIS Network - *Design for Social Innovation and Sustainability* (Rede internacional de designers que já existia em outro formato) - através de seus laboratórios espalhados pelo Brasil e outros países.

2.2 Fase de Seleção

Na fase de Seleção executamos as atividades de: (1) busca na literatura; (2) seleção dos artigos; (3) filtragem a partir dos critérios estabelecidos.

A busca foi realizada exclusivamente na plataforma Google Scholar, pesquisando pelas palavras-chave “Design Social” e, posteriormente, “Design para a Inovação Social”. Em cada uma das buscas, **foram selecionados os 30 artigos** em língua portuguesa melhor ranqueados, **totalizando 60 artigos**. Após a construção do *corpus* documental, realizou-se a filtragem através dos critérios estabelecidos na fase anterior, **reduzindo pela metade (30) este quantitativo**.

2.3 Fase de Avaliação

Na fase de Avaliação foram executadas as atividades de: (1) leitura integral dos artigos; (2) avaliação da qualidade metodológica; (3) síntese dos dados (metanálise); (4) avaliação da qualidade das evidências; e (5) redação e publicação dos resultados.

Tanto a avaliação da qualidade metodológica quanto a avaliação da qualidade das evidências não nos interessa aqui expor, tendo em vista que, apesar de realizadas, não objetivamos apresentar análises qualitativas sobre as pesquisas em si, mas análises sobre os autores, definições e aplicações por elas apresentados.

Após a leitura integral dos 30 artigos incluídos na etapa de filtragem, foi possível mapear os autores mais utilizados, bem como o enquadramento conceitual dos termos pesquisados e suas aplicações práticas. A síntese dessa coleta, bem como a publicação dos resultados, tem como objetivo traçar padrões e apresentar dados qualitativos sobre essas discussões.

3. Resultados

Antes de apresentar as definições conceituais de Design Social e Design para a Inovação Social, é necessário localizá-las historicamente para melhor compreensão do desenvolvimento teórico da disciplina.

A palavra design tem suas origens no latim onde, *designare*, significa tanto desenho como designar. Já no inglês, *design* tem conotações diversas como plano, intenção ou até mesmo configuração, estrutura e arranjo (CARDOSO, 2008).

Remontando às origens disciplinares do design é possível situá-lo de diversas formas a depender do critério escolhido. Como esclarece Cardoso (2008), uma definição tradicional de design pode ser como uma atividade de “elaboração de projetos para a produção em série de objetos por meios mecânicos”. É a partir do século 19, contexto de intensa aceleração das inovações tecnológicas e da transição do modelo de produção manual/artesanal para novos processos de fabricação em massa que o design enquanto etapa projetual começa a se desenvolver.

Segundo Cardoso (2008):

Os primeiros designers, os quais têm permanecido geralmente anônimos, tenderam a emergir de dentro do processo produtivo e eram aqueles operários promovidos por quesitos de experiência ou habilidade a uma posição de controle e concepção, em relação às outras etapas da divisão de trabalho. (CARDOSO, 2008, p.18)

Durante a análise dos artigos selecionados, também é possível encontrar afirmações semelhantes, sendo o “protótipo” do que conhecemos por design, cunhado em um contexto de reivindicações por melhores condições de trabalho nas fábricas e de ebulição de teorias, organizações e revoltas contra a exploração da classe trabalhadora. Martins et al. (2011) e Fornasier et al. (2012) apontam alguns precursores de agendas que seriam apresentadas quase um século depois sob uma nova roupagem, o Design Social:

Morris se destaca como um pioneiro no que se refere à preocupação com o social, ou seja: com a qualidade de vida dos cidadãos e com um projeto de sociedade sustentável. (MARTINS et al. 2011)

Ruskin, unindo-se a sindicalistas, afirmava que “o problema do design residia não no estilo dos objetos, mas no bem-estar do trabalhador” (DENIS, 2000, p.71). Foi também um dos primeiros defensores da qualidade total, e previu o limite do crescimento industrial em termos ambientais, sendo atualmente uma referência no assunto. (FORNASIER et al. 2012)

3.1 Design Social

Dos 30 textos analisados, 16 tinham como conceito motriz o Design Social, sendo **Victor Papanek** o principal autor articulado. Podemos afirmar que sua obra, “**Design for the real world**” (1971), foi de extrema importância para o estabelecimento do conceito de Design Social e para a pavimentação de discussões propostas por autores como: Ken **Garland**; Victor **Margolin**; Ana Verônica **Pazmino**; Bernd **Löbach**; Gui **Bonsiepe**; Alain **Findeli**; Jorge **Fracara**; e Rita **Couto**, também citados.

Segundo Martins et al. (2011), Papanek aponta o possível efeito danoso do desenho industrial e deixa explícito a necessidade de projetos de design orientados para o setor social, como por exemplo:

[...] assistência ao ensino de todas as classes incluindo projetos que visam transferir conhecimentos e habilidades a pessoas com dificuldades de aprendizagem e auxílio a portadores de necessidades físicas; treinamento para pessoas de baixa renda que tentam progredir profissionalmente; dispositivos de diagnóstico médico, equipamento de hospitais e ferramentas dentais; equipamento e mobiliário para hospitais mentais; dispositivos de segurança para o lar e para o trabalho e dispositivos que tratam de problemas de contaminação. (MARTINS et al. 2011)

Esta proximidade entre Design Social e Assistência Social também está presente em outras definições, evocando uma responsabilidade social - ora atribuída aos malefícios provocados pelo design na esfera mercadológica/industrial, ora por questões éticas e humanitárias - em uma busca por solucionar problemas sociais.

[...] diversos designers têm se envolvido com a questão social para minimizar os impactos negativos da profissão na sociedade, seja por de ações visando à geração de renda para comunidades carentes ou pelo desenvolvimento de projetos específicos para os necessitados, idosos ou deficientes. (MARGOLIN e MARGOLIN, 2002 apud DE MELLO, 2011)

O design social, de acordo com Löbach (2001), trata de uma questão ética e social orientada pelos problemas da sociedade e tem como meta a melhoria das condições de vida de determinados grupos, colocando os problemas do usuário como centro das atenções no projeto, respeitando o meio ambiente, a cultura como valor agregado e privilegiando a mão de obra local. (OLIVEIRA et al. 2018)

O trabalho do designer social envolve o contato contínuo com as comunidades mais desfavorecidas, por meio de um “trabalho de consultoria voluntária ou subsidiada por governos, ONGs ou empresas, nas mais variadas áreas de atuação” (PAZMINO, 2007 apud MIRA, 2016).

Críticas feitas às concepções como as apresentadas acima partem de diferentes perspectivas, algumas propondo um ajuste de discurso e de método, outras provocando reflexões mais profundas e radicais - refiro-me ao sentido etimológico da palavra.

Relativo às críticas adaptativas, encontramos propostas de distanciamento do cunho assistencialista, dissolvendo hierarquias e pautando o Design Social como atividade colaborativa. Diversas são as iniciativas que buscam contribuir com comunidades urbanas e rurais ou grupos marginalizados, atuando com diferentes atores e em diferentes frentes, produzindo resultados e fortalecendo grupos já existentes. Segundo Margolin et al. (2004), o design social também é uma ferramenta de inovação capaz de transformar a sociedade:

visa não só satisfazer as necessidades humanas, mas contribuir para a transformação social. Assim, é entendido como uma ferramenta de inovação, capaz de transformar necessidades humanas em produtos e sistemas, de modo criativo e eficaz, adequados não somente do ponto de vista econômico, mas também, social, cultural e ecologicamente responsável (FÓRUM INTERNACIONAL DE DESIGN SOCIAL – FIDS 2011 apud COSSIO et al. 2014).

Ainda sob esta abordagem do Design Social, foram encontrados alguns padrões de aplicação prática deste conceito. O primeiro deles é relativo ao modo (1) **como** esses serviços e produtos são feitos. O Design Social não atua sozinho, ou seja, outros conceitos e metodologias estão sempre (até onde se pode verificar) interligados. **Design Colaborativo, Design Participativo, Re-design, Design Gráfico, Design de Serviços, Design Thinking**, métodos de pesquisa como **Pesquisa-ação** e **Entrevistas** foram citados nas pesquisas de Estudo de Caso. O segundo padrão é sobre (2) **onde e com quem** essas iniciativas atuam. A atuação ocorre em **comunidades da periferia urbana ou zonas rurais próximas das capitais**, com participação de **Associações de modo geral (Ass. de moradores, Ass. de trabalhadores, cooperativas, Ass. religiosas), Organizações do Terceiro Setor** e em alguns casos com incentivo financeiro ou logístico do poder público. Um terceiro e último padrão é relativo a **com o que** atuam. Identificamos principalmente 3 esferas de ação: suporte à **Geração de renda, Fabricação de produtos ou serviços para bem-estar** e atividades para **Valorização da Identidade/Memória Local**.

Interessante notar que essas iniciativas acabavam por se conectar com discussões e procedimentos de outras disciplinas como as de História Social, Sociologia, Antropologia, Economia, Tecnologia da Informação, Agronomia e Educação.

3.1.1 Lacunas e Limites do Design Social

Verificamos que os trabalhos não apresentaram nenhuma metodologia, procedimento ou diretrizes de aplicação próprios do Design Social, tão pouco um consenso quanto às definições do conceito. Além disso, a produção acadêmica brasileira melhor ranqueada e os casos apresentados por elas não demonstraram atingir os rincões mais profundos da nação, sendo geograficamente restrito aos estados do Sul e do Sudeste.

Outro limite que se pode sublinhar é relativo à crítica mais reflexiva citada anteriormente. Em nenhum momento tivemos a inclusão da dimensão das relações de poder nos processos

desenvolvidos nos casos expostos, dimensão essa que está presente em todas as relações sociais, atravessada por questões políticas, de gênero, raça e classe.

Além disso, cabe complementar a discussão sobre o emprego de modelos complementares como Design Colaborativo, assim como a falta de procedimentos próprios do conceito, podendo exercer um papel limitador e de apagamento de outras dimensões. Segundo De Almeida (2018), uma modalidade projetual específica para colaboração entre designer e comunidade parece limitante à responsabilidade social conclamada pelos designer, carecendo de um dimensão política :

A autêntica transformação social se realiza, quando há implicação de todos com as questões políticas que cercam a comunidade, incluindo aí a disposição desta para entender a própria posição cultural legítima que pode, eventualmente, não se adequar às formas e aos interesses da produção projetual do design. (DE ALMEIDA, 2018)

Como lacuna a ser preenchida por pesquisas complementares, podemos examinar com maior detalhamento as dimensões de poder e políticas circunscritas às atividades do Design Social, além do acompanhamento dos seus resultados de forma longitudinal. Além disso, fica a dúvida sobre os motivos da escassez de produções científicas de outras regiões do país, que poderiam trazer outras perspectivas e contribuições, e se de 2019 pra cá houve algum tipo de modificação neste cenário.

3.2 Design para a Inovação Social

Dos 14 textos restantes para análise, apenas um compreendia os dois conceitos pesquisados no título, mas escolhemos inseri-lo nesta seção, de forma justificada, já que a autora trabalha no desenvolvimento teórico do conceito-chave desta seção.

Enquanto o conceito de Design Social remonta o início dos anos 1970, o conceito de Design para a Inovação Social - ou Design para a Inovação Social e Sustentabilidade - é muito mais recente, tendo maior difusão após da multiplicação de laboratórios da Rede internacional DESIS Network - *Design for Social Innovation and Sustainability* - a partir de 2009.

Seu grande expoente é o autor **Ezio Manzini**, um dos fundadores da rede e cânone para quem debate o assunto. Duas de suas obras são recorrentemente mobilizadas ao se tratar do conceito. A primeira delas chama-se **“Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais”** de 2008, resultado de um curso de formação ofertado na UFRJ. O outro livro, este publicado em 2015, chama-se **“Design, when everybody designs: An introduction to design for social innovation.”**

Manzini (2015) diferencia “Design Social” e “Design para a Inovação Social”, sendo o primeiro originário da “[...] necessidade de intervenção urgente de alguma outra parte.” - não supridas pelo mercado ou governo - em problemas sociais como extrema pobreza ou catástrofes. O autor define “Design Social” como:

uma atividade de design que lida com problemas que não são tratados pelo mercado ou pelo governo, e nos quais as pessoas envolvidas normalmente não têm voz (pelo simples fato de não possuírem os meios econômicos ou políticos para criar uma demanda formal). (MANZINI, 2015)

Já o “Design para a Inovação Social” é definido de forma mais ampla, não apenas voltado para os problemas sociais mas sim “tudo o que o design especializado pode fazer para ativar, sustentar e orientar processos de mudança social na direção da sustentabilidade.” (MANZINI, 2015). O autor complementa ainda:

[...] o design para a inovação social refere-se a um vasto campo que resulta da intersecção de toda uma gama de fenômenos de inovação social (delineados no capítulo 1) com o design especializado em todas as suas configurações e formas atuais (delineadas no capítulo 2). Trata-se, portanto, de uma constelação de atividades, cada uma caracterizada por um sentido diferente desses dois termos. (MANZINI, 2015)

Fica claro que o autor pretende estabelecer um conceito mais amplo, voltado não apenas para problemas sociais, mas para desejos e oportunidades que promovam mudanças sistêmicas, reconfigurando a sociabilidade, a relação com a natureza e com os produtos. Além desta amplitude, o Design para a Inovação Social também se apoia em abordagens complementares como a desenvolvida por Meroni (2008), chamada de Community Centered Design. De forma resumida, esta abordagem se debruça no entendimento das necessidades comunitárias, para que em um processo colaborativo e distribuído, o designer possa auxiliar na condução de soluções que habilitem os demais membros em um aprendizado contínuo e longe de uma lógica clientelista.

Outras definições de Design para a Inovação Social foram encontradas nos artigos, mas em sua maioria apontam para as produções de Manzini. Em comparação com o conceito de Design Social, o referencial teórico é muito menor, justificando-se pela história recente do conceito. Outros autores citados nos artigos são Geoff **Mulgan**; Carla M. **Cipolla**; e Giovany **Cajaiba-Santana**.

Cipolla (2019a) situa as inovações sociais como “novas práticas sociais criadas a partir de ações coletivas, intencionais e orientadas ao resultado, com o objetivo de ativar mudança social através da reconfiguração de como objetivos sociais são realizados”. Ainda segundo a autora:

A inovação social está relacionada à capacidade da sociedade em resolver seus próprios problemas, em um processo fundamentado em novas relações entre atores (cidadãos, instituições, empresas e governos), utilizando as capacidades das pessoas para promover mudanças através da habilidade de projetar que todos possuem (CIPOLLA & MOURA, 2012).

Interessante notar que a presença do designer como agente promotor desta busca por soluções não é central como na concepção do Design Social, reforçando o foco no processo de transformação e incluindo o designer como mais um elemento na construção coletiva da sociedade. Onde antes o designer era uma espécie de agente externo a sociedade que atuava nela, entende-se o designer como mais um agente que também é atravessado pelos problemas que busca resolver.

3.2.1 Limites e Lacunas do Design para Inovação Social

É importante pontuar que durante a pesquisa verificou-se certa autonomia do termo Inovação Social em relação ao design, muitas vezes sendo apresentado separadamente como nos títulos: “*Design sistêmico para inovação social...*”; “*Design Contemporâneo e Inovação social...*”; “*Gestão de design e inovação social: uma revisão estruturada de literatura*”. Apesar do quantitativo reduzido de Estudos de Caso, **percebemos que, mesmo com as diferenças conceituais elencadas na seção acima, as aplicações práticas do Design para a Inovação Social não divergem em relação ao campo de aplicação daquelas apresentadas pelos estudos do Design Social**. Outras abordagens foram articuladas, contribuindo com o desenvolvimento teórico da disciplina, mas as ações apresentadas nos artigos se restringem a ações de suporte ao bem-estar, confecção de produtos para pessoas com deficiência e atuação em colaboração com Ongs e poder público.

Outro ponto a destacar é a “jovialidade” do Design para Inovação Social, sendo uma das possíveis explicações para o escasso número de artigos enquadrando o conceito em suas aplicações práticas e de Estudo de Caso. Porto et al. (*sem data*) complementa ainda com outros pontos frágeis da teoria:

[...] a literatura demonstra obstáculos que os designers enfrentam, tais como: a escolha de métodos de design adequados para as etapas da inovação social (Mulgan 2014); a formalização e a demonstração de resultados, de modo a tornar evidente o que realmente funciona e o valor da transformação pelo design (Mulgan 2014, Mortati e Villari 2014); e ainda, a ausência de uma linguagem concisa para avaliar a qualidade dos resultados de design para inovação social, diferentemente do que ocorre com a avaliação dos produtos manufaturados de design (Manzini 2011). (PORTO et al.)

4. Conclusão

Com este estudo, concluímos que:

- Sim, existem diferenças conceituais claras entre os termos investigados, mas estas diferenças ainda não se apresentaram quanto à aplicação prática, demandando um tempo maior de observação das práticas do Design para Inovação Social e estudos comparativos complementares.
- A principal fronteira que divide os dois conceitos reside na definição do “social” que cada conceito carrega. O significado de “social” diverge quando a amplitude, afetando também os anseios apresentados por cada grupo. Enquanto o Design Social busca a solução de problemas sociais, o Design para Inovação Social estabelece como objetivo a mudança sistêmica gradual da sociedade.
- Os principais autores mobilizados em relação ao Design Social são **Victor Papanek** e **Victor Margolin**, enquanto os autores referência para o Design para a Inovação Social são **Ezio Manzini** e **Carla Cipolla**.
- Ambos os conceitos têm aplicações práticas em frentes similares como no suporte à **geração de renda**; construção de serviços e produtos para **promoção de bem-estar**; ações voltadas para **questões ambientais e de sustentabilidade**; entre outras, mas sem esgotar as possibilidades de novas frentes de atuação.

Referências

AROS, Kammiri Corinaldesi; DE FIGUEIREDO, Luiz Fernando Gonçalves; MERINO, Eugenio Andrés Díaz. Gestão de design e inovação social: uma revisão estruturada de literatura. *Strategic Design Research Journal*, v. 7, n. 2, p. 66-73, 2014.

BARROS, Roberta Coelho. O design social como ferramenta de comunicação: contextualização e exemplos na sociedade contemporânea. In: 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa em Design– P & D Design. Anais... Gramado: UFRGS, Unisinos, Uniritter, Blucher. 2014.

BASTANI, Kátia Regina; POSSAS, Diana de Castro. Design sistêmico para inovação social: A construção de uma oficina de chá para idoso. *Blucher Design Proceedings*, v. 2, n. 9, p. 3295-3307, 2016.

BERGMANN, Márcia; MAGALHÃES, Cláudio. Do desenho industrial ao design social: políticas públicas para a diversidade cultural como objeto de design. *Estudos em Design*, v. 25, n. 1, p. 51-64, 2017.

BERLATO, Larissa Fontoura; DE FIGUEIREDO, Luiz Fernando Gonçalves; FERREIRA, Marcelo Gitirana Gomes. Uma informação visual da revisão sistemática da literatura sobre Design de Serviço para Inovação Social. *Estudos em Design*, v. 26, n. 2, 2018.

CARDOSO, Rafael. Uma introdução à história do design. Editora Blucher, 2008.

CERQUEIRA, Clara Santana Lins; RIBEIRO, Rita. Redesenhando a Borrachaloteca: design social. In: 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa em Design–P&D Design. Anais... Belo Horizonte: UEMG, Una, Blucher. 2016.

CHAVES, Liliane Iten; FONSECA, Ken Flavio Ono. Design para inovação social: uma experiência para inclusão do tema como atividade disciplinar. *DAPesquisa*, v. 11, n. 15, p. 130-146, 2016.

CIPOLLA, Carla. Design social ou design para a inovação social? Divergências, convergências e processos de transformação. *ECOVISÕES PROJETUAIS*, p. 147, 2017a.

_____. Ecovisões sobre Design para inovação social. *Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil*. São Paulo: Blucher, p. 83-86, 2017b.

CORRÊA, Glaucinei Rodrigues. Design social: uma experiência de desenvolvimento de projetos a partir de demandas reais. *Blucher design proceedings*, 2019.

COSSIO, Gustavo; HEIDRICH, Regina. A autoestima da comunidade valorizada pela extensão universitária em design social. **COLÓQUIO DE EXTENSÃO EX SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO UNIRITTER**, v. 6, 2014.

DE ALMEIDA, Marcelo Vianna Lacerda. Design Social: definição constituída no complexo social. *Estudos em Design*, v. 26, n. 3, 2018.

DE ARAUJO, Renata Mattos Eyer. **Um olhar sobre o design social e a prática do design em parceria**. 2017.

DEL GAUDIO, Chiara. Ecovisões sobre o design social. **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil [livro eletrônico]**. São Paulo: Blucher, p. 13-18, 2017.

DE MELLO, Carolina Iuva et al. Projeto Design Social: geração de renda e resgate cultural através do design associado ao artesanato. *Inclusão Social*, v. 5, n. 1, 2011a.

_____. **Projeto Vila Jardim–o design social participativo valorizando a cultura local**. 2011b.

DE SOUSA, Cyntia Santos Malaguti. Design para inovação social e sustentabilidade: estratégia, escopo de projeto e protagonismo. **ECOVISÕES PROJETUAIS**, p. 125, 2017.

DOS SANTOS, Juliana Ferreira; DE SOUZA, Ricardo André Cavalcante. Processo de design orientado à inovação social. *Revista Brasileira de Computação Aplicada*, v. 11, n. 3, p. 110-121, 2019.

FIGUEIREDO, Luiz Fernando Gonçalves de et al. **Aplicação do design em casos de Inovação social do Estado de Santa Catarina**, Brasil. 2009.

FORNASIER, Cleuza BR; MARTINS, Rosane FF; MERINO, Eugenio. **Da responsabilidade social imposta ao design social movido pela razão**. 2012.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. *Logeion: Filosofia da informação*, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.

GALVÃO, Taís Freire; PEREIRA, Mauricio Gomes. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 23, p. 183-184, 2014.

GERHARDT, Tatiana Engel et al. **Métodos de pesquisa**. [Organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil–UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica–Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 31-32, 2009.



HUGO, Mariana; MOURA, Heloisa. A contribuição do design para a inovação social sustentável. **Anais... XI Semana de Extensão**, Pesquisa e Pós-graduação–SEPesq. Centro Universitário Ritter dos Reis, 2015.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade (LIVRO): Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Editora E-papers, 2008.

_____. **Design, when everybody designs: An introduction to design for social innovation**. MIT press, 2015.

MARTINS, Bianca; LIMA, Edna Cunha. **Design Social e Design Thinking: trajetórias convergentes. O papel social do design gráfico**. Ed. Marcos Braga. SENAC, 2011.

MENEGOTTO, Margarete Luisa Arbugeri et al. **O DESIGN ATUAL DA INOVAÇÃO EM NEGÓCIOS: INOVAÇÃO SOCIAL E SUA EVOLUÇÃO**. In: 10th International Symposium on Technological Innovation. 2019.

MERONI A. Strategic design: where are we now? Reflection around the foundations of a recent discipline. **Strategic Design Research Journal**, v.1, n.1, Dec 1, p.31-38,2008a

MIRA, Fabrício et al. DESIGN SOCIAL: um estudo de caso das salas de aula da Fundação CASA. **Blucher Design Proceedings**, v. 2, n. 9, p. 3217-3226, 2016.

MOURA, Mônica et al. Design Contemporâneo e Inovação social aplicados no desenvolvimento de produtos gráficos educativos para pessoas com deficiência visual. In: **9 CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN DA INFORMAÇÃO**, 2019, Belo Horizonte. Blucher Design Proceedings. 2019. p. 779.

MOURÃO, Nadja Maria; ENGLER, Rita de Castro. Economia Solidária e Design Social: iniciativas sustentáveis com resíduos vegetais para produção artesanal. **Interações** (Campo Grande), v. 15, p. 329-339, 2014.

OLIVEIRA, Caio Marcelo Miolo de; FREIRE, Karine; FRANZATO, Carlo. A inovação social orientada pelo design: perspectivas para criação de uma plataforma habilitante. **SDS: SIMPÓSIO DE DESIGN SUSTENTÁVEL**, v. 5, p. 434-444, 2015.

OLIVEIRA, Célia Carneiro; MOURÃO, Nadja Maria. Design Social: objetos biográficos do cotidiano, memória social. **CHAPON CADERNOS DE DESIGN/CENTRO DE ARTES/UFPEL**, v. 1, n. 1, 2018.

PORTO, Renata Gastal; VASCONCELOS, Ana; ALMENDRA, Rita. **DESIGN PARA A INOVAÇÃO SOCIAL**.

A sustentabilidade aplicada aos projetos de edificações no Brasil

Sustainability applied to building projects in Brazil

Samantha Ohana de Miranda Luz, mestranda no Programa de Pós-Graduação Projeto e Cidade, Universidade Federal de Goiás

samantha.luz@discente.ufg.br

Pedro Henrique Gonçalves, doutor, Universidade Federal de Goiás.

pedrogoncalves@ufg.br

Fabiolla Xavier Rocha Ferreira Lima, doutora, Universidade Federal de Goiás.

fabiolla_lima@ufg.br

Resumo

A construção civil é a atividade humana com maior impacto no meio ambiente, sendo de fundamental importância na consolidação das metas para desenvolvimento sustentável no país. Apesar dos maiores impactos na sustentabilidade do edifício ocorrerem durante o uso e manutenção, é no projeto do edifício que se tem maior potencial de interferir no desempenho ao longo da vida útil. Desta forma, o objetivo deste artigo é entender por meio de quais mecanismos a sustentabilidade pode ser inserida nos processos de concepção de projetos de edificações novas e de intervenção em pré-existências brasileiros. Para tanto, foi adotada a revisão de literatura como metodologia da pesquisa. Como resultado, foi identificado que o projeto sustentável pode recorrer às estratégias bioclimáticas, às simulações computacionais para entendimento da performance dos edifícios em diversos cenários sustentáveis; às premissas das certificações e dos selos; e à sensibilidade do projetista para inserir as questões sociais no processo.

Palavras-chave: Projeto sustentável; Estratégias bioclimáticas; Simulação computacional; Selos e Certificações ambientais.

Abstract

Civil construction is the human activity with the greatest impact on the environment, and is of fundamental importance in consolidating the goals for sustainable development in the country. Although the greatest impacts on building sustainability occur during use and maintenance, it is no building design that has the greatest potential to interfere with performance over its useful life. In this way, the objective of this article is to understand through which the control of sustainability can be inserted in the design processes of new building projects and intervention in Brazilian pre-existing buildings. Therefore, a literature review was adopted as the research methodology. As a result, it was identified that sustainable design can follow bioclimatic strategies, computational simulations to